

## Em Nome do Pai: Amaral Dias e a Psicanálise

---

**Vasco Tavares dos Santos**

*O homem só se apercebe, no mundo, daquilo que em si já se encontra; mas precisa do mundo para se aperceber do que se encontra em si; para isso são, porém, necessários actividade e sofrimento.*

Hugo von Hofmannsthal (1874-1929),  
*Livro dos Amigos*

### 1.

Em ‘Nome do Pai’, o texto em que este artigo é baseado<sup>1</sup>, constitui uma leitura da obra do psicanalista Carlos Amaral Dias, feita em filigrana, através de duas entrevistas realizadas ao autor.

Pretendeu-se desta forma, correndo aí o risco de qualquer interpretação, tentar demonstrar como vida e obra se esclarecem uma pela outra, como se abrem uma à outra.

---

<sup>1</sup> Dissertação de Mestrado em Aconselhamento Dinâmico. Instituto Superior Miguel Torga, 2006.

*Quem é um Autor? O Que é um Autor?*

Não foi o homem público, o médico e cientista reconhecidos que me interessaram.

Não foi a vida dita biográfica, a vida toda, histórica, de um sujeito, tarefa essa desejanste de uma totalidade – o que tornaria o trabalho intrinsecamente falso - o que me moveu.

O que me interessou foi e é, para além de uma antiquíssima relação de amizade, a busca de uma ponto *neutro* (à la Freud) que permitisse outro *vertex*, outra *inclinação* do olhar sobre um dos mais centrais psicanalistas portugueses contemporâneos.

Esta viagem parte da estruturação da subjectividade para o objectividade de uma obra, pois, parafraseando Novalis, *onde existe um ser deve existir também um conhecer*.

Às duas entrevistas semi-estruturadas, escolhidas como instrumento de investigação, entre tantas metodologias de investigação possíveis – juntou-se, em hipertexto, o que de melhor o modelo psicanalítico nos traz já que as entrevistas foram feitas por uma pessoa de formação psicanalítica.

Deriva sobre o autor e reflexão sobre a própria obra, inquirição quase incompleta sobre o passado iluminado e o negrobranco da página.

Tive total aceitação para o procedimento das entrevistas e a respectiva transcrição. Tive ainda, por parte de Carlos Amaral Dias, a liberdade de poder pensar a relação entre *quem é* (se tal coisa é possível saber-se) e *o que escreveu*.

Este trabalho dá conta do esforço pessoal a que meto ombro e também da *ombreira*, isto é, dos limites inexoráveis do propósito.

## 2.

A vastidão da obra de Carlos Amaral Dias (nomeadamente, 1988; 1992; 1993; 1995a; 1995b; 1997; 1999; 2000a; 2000b; 2005) dificulta que me debruce sobre as correlações entre os dados obtidos nas entrevistas e as multifacetadas produções teóricas do autor.

Aliás, tal objectivo levaria a um empobrecimento imaginário da vida e das obras.

Torna-se visível, no entanto, ao longo da sua obra, uma progressiva passagem de um discurso mais académico, como, por exemplo, a da problemática da adolescência (*A Depressão no Adolescente* [Dias

e Vicente 1984]), discurso próximo de um pensar psicanalítico; a um discurso de *outra* natureza com a descoberta fascinada da obra de Wilfred Ruprecht Bion.

Essa descoberta vai ainda sofrer, em parte, a afectação do mesmo estilo universitário, como se pode constatar nos três livros: *Para uma Psicanálise da Relação* (1988), *(A) Re-Pensar* (1995) e *Psicanálise em Tempo de Mudança* (Dias e Fleming 1998). Alguns excertos ilustram este ponto de vista (Dias 1988: 8-9):

A Psicanálise, a partir da incidência da teoria da relação de objecto, encaminhou-se lenta mas seguramente para uma outra concepção da vida psíquica, e por isso para uma outra concepção da cura analítica. O conceito de maturação ganhou aqui um novo significado, implicando integração de dentro para fora do mundo mental e do mundo exterior, reconhecível e re-cognoscível a partir da capacidade elaborativa das funções mentais e da permeabilidade da emoção como pensamento ao pensamento da própria emoção.

Ou ainda (Dias 1994: 65):

A contínua especificação das tarefas desenvolvimentais próprias de cada período do desenvolvimento trouxe como consequência um inevitável espartilhamento genético da fantasia no quadro etário (e provavelmente mentiroso) da sua emergência. Haveria assim uma «idade» oral, anal., fálica, edipiana, que na sua categorização naturalista apagaria do homem a sua dimensão poética.

Sem se dar conta, a psicanálise, também ela, promoveu desta forma a fantasia à classe do comportamento. E embora fosse pela fantasia nele contida que o seu estudo fosse empreendido, rapidamente o facto natural, moeda de troca no comércio psicológico (entre psicologias), se transformou na dimensão necessária à integração da psicanálise na psicologia académica.

No entanto, em *Psicanálise em Tempo de Mudança* (1998), o autor atreve-se já a romper com o discurso tradicional (Dias 1998: 59):

Esta é uma hora de revisitação. Tenho uma dúvida perante mim mesmo. Uma dúvida duvidante, um *O* que me espera antes e depois de mim. *O sujeito lógico* é continente das invejas que o podem transformar em menos lógico, menos *logos*. Faço-me entender?

*O bio-lógico*, o que não precisa de comer nem de enterrar os mortos para os poder devolver à vida? *O Teo-lógico*, o Criador, O Gerador Metafórico que nalgum lugar (?) (♀) não morre, porque nunca viveu? Construo porque não me desconstruo, falo, escrevo, para não enlouquecer. Há tanta impiedade e tanta *esthesis*...

Ps ↔ D, K e ♀ ♂. Dissociar, integrar, conhecer e conter. Mas há tanta dor, e tanta urgência tranquila no vazio da minha expectativa. Recomendo um acto de paixão entre o leitor e o leitor, entre mim e mim, entre mim e o leitor. Uma paixão que, já se sabe, implica sofrimento. Um momento qualquer entre Ps e D; entre Ps e D, nalgum lugar a mudança catastrófica espera-nos. Mas para ela, é preciso um O um estilo, uma forma que a diga, um D para um Ps, um Ps para D.

Paralelamente, Carlos Amaral Dias, com as obras *Ali-Babá nos Túmulos de Ur (1992)*, *Só Deus em mim se Opõe a Deus (1993)* e *Ascensão e queda dos Toxicoterapeutas (1995)*, permitiu-se a um campo de ruptura que o aproxima, progressivamente, de uma interface entre a psicanálise, a filosofia e o pensamento contemporâneo.

É visível aí o retomar de uma parte da sua infância, daquele tempo incendiado pela leitura e pela arte, testemunhado por uma passagem da 1ª entrevista:

Comecei a perceber que havia critérios, que havia aquilo a que se chamava uma escrita clássica, percebi que havia uma escrita que tinha sido subjacente à escrita, que tinha sido a escrita grega e a escrita romana, mas sobretudo a grega. Depois comecei a organizar uma espécie de hierarquia de leituras, sobretudo dentro da literatura que me foi dada. O meu tio foi-me dando uma espécie de hierarquia de leituras e eu, de bom grado, aceitei-as todas porque, de alguma forma, essa necessidade de organização da realidade era uma coisa que me perseguia desde pequeno. Essa consciência de que há uma continuidade muito grande entre a minha curiosidade intelectual infantil, quase compulsiva, dos 9-10 anos e a minha necessidade de dar nome às experiências mais primárias foi muito rapidamente percebida. Eram-me absolutamente necessárias essas experiências de compreensão e organização da própria realidade.

[...]

Frequentava e dirigia o Centro de Estudos Cinematográficos da Associação Académica de Coimbra, circulava nesse meio e ao mesmo tempo jogava rãguebi. Já no segundo ano da Faculdade interessava-

me pelo Jazz, pela música clássica e por Brassens”. Líamos a *beat generation*, Kerouac e também Faulkner, Virgínia Woolf, Eliot, E.E.Cummings, entre outros autores da literatura norte-americana e inglesa. Tínhamos uma formação cultural paralela, que nada tinha a ver com a formação cultural da chamada esquerda tradicional portuguesa.

Certas afirmações, ditirambos, em *Ascensão e Quedas dos Toxicoterapeutas* não interessam, já, tão-só, à psicanálise, mas são uma *condensação* maior dos interesses e das perplexidades que atravessaram o autor na sua adolescência e que encontraram agora, a partir da psicanálise, uma forma alta e criadora, lembrando Swift de *Arte da Mentira Política* ou Guy Debord em *Panegírico*.

Vejamos, por exemplo, a radicalidade do discurso (Dias 1995: 34-40):

É (im)possível que o Amor à Verdade, na sua procura, na união e na comunicação transformada, possa concordar com o que ata a cabeça (Alberto Pimenta). Mas a cabeça desatada procura um homem que a pense, para que o Homem se possa continuar a pensar. O que torna cada vez mais essencial é uma atopia, aonde os problemas do tempo, tais como a toxicodependência, possam ser conjugados na atemporalidade que já S. Agostinho recomendava.

[...]

A ‘super’ ciência que gera as conjunturas imaginativas, faz-nos pensar a desumanidade de silenciar a dor e o espanto do recém-nascido perante o mundo. Mas o veneno para o pensamento subjacente a tal hipótese conjectural, obriga-nos a voltar à relação entre continuar a pensar, dor e humanidade. Mas será que os cultores do breve, poderão ensinar a lidar com o efémero.

Por outro lado, em *O Negativo ou Retorno a Freud*, 1999, C.A.D. propõe-se um regresso a Freud, corporizando uma verdadeira reconciliação com o paterno, segundo um trecho da 1ª entrevista:

Tinha uma zanga contra ambos pela maneira como o mundo a que estava entregue ser um mundo de uma impressionante impregnação sensorial e, muitas vezes, de grande dificuldade de apreensão e de organização de significados”. “Eu vivi num mundo de corpos sesionados, corpos partidos, divididos, premindo que eu lhes desse alguma espécie de significado e que percebesse o que é que se

passava, realmente, naquele mundo que era completamente diferente. Nem sequer era o mundo da assepsia cirúrgica de hoje. Na altura via-se tudo: eram os baldes de alumínio cheios de sangue, de pedaços de corpos, que passavam à minha frente de um lado para o outro. Como é que era possível viver no meio daquele mundo? Mais: como é que era possível que os meus pais não entendessem a brutalidade disso? Houve um período em que eu estive profundamente zangado com eles.

A ‘zanga’ contra os pais parece agora encontrar uma cura pela palavra, a partir desta obra. Mas o retorno a Freud teria de passar, necessariamente, pela elaboração da parte mais penosa da vida do autor, essa dor surda de viver, isto é, o *sentimento de desamparo* que viveu, ainda segundo a conversação tida na 1ª entrevista, nos primeiros anos de vida na Clínica dos Olivais:

Na primeira clínica onde vivi, o quarto em frente ao meu, era onde se faziam os electrochoques e, na altura, não se faziam os electrochoques com anestesia. O doente entrava numa espécie de crise epiléptica induzida através da postura dos eléctrodos, e aquilo era de uma violência impressionante. Via, também, frequentemente, a passagem de baldes de alumínio cheios de pedaços de órgãos internos que saíam dos blocos operatórios para outras partes do edifício da clínica. Vivía numa espécie de R/C-cave, via passar esses baldes e lembro-me perfeitamente de ter tido, aos meus 2-3 anos, o que sei hoje ser uma alucinação visual. As escadas interiores vinham oblíquas, vincavam-se num patamar e depois voltavam a abrir para baixo, e o meu quarto era nesta parte de baixo onde existia uma mesa que tinha provavelmente coisas ligadas à enfermagem. Lembro-me de ter tido uma alucinação, de ver o meu corpo completamente coberto de baratas, em cima daquela mesa. Tive um horror, algo a que Bion chamaria de *terror sem nome*. “Nesse período, fiz muitas coisas quase parassuícidas: aos 3 anos subi ao depósito de água de Coimbra, que era gigantesco, situado por trás da Clínica dos Olivais. A distância entre os degraus era maior do que o meu corpo de 3 anos e consegui subir lá acima e de repente olharam e viram-me lá no alto, minúsculo, vieram os bombeiros e alguém teve o bom senso de não me fazer entrar em angústia, de me ajudar pela palavra, esse alguém foi a minha mãe. Tenho a certeza absoluta que se lá tivessem ido buscar-me, teria caído.

Também por volta dos 2 anos fiz uma “fuga de casa” até à baixa de Coimbra, sozinho. Ou seja, eram claramente manifestações de angústia. Tinha muitas coisas estranhas para uma criança. Não resulta uma criança viver num mundo de bombardeamento sensorial dessa natureza.

Não será do desamparo, este, de que o autor nos fala em o *Negativo?* (Dias 1999: 19-20):

“Mas estar vivo é também da ordem do insuportável. E porquê? Freud enuncia-o em 1920 no *Para além do princípio do prazer*, mas torna só isso claro, num texto que considero mais importante, *Inibição, Sintoma e Angústia*, aonde o lugar em que se está vivo, é aquele em que se fica à mercê do outro! A angústia deixa de ser um problema da insatisfação, para ser a resposta ao perigo. Se o primeiro negativo é o negativo do recalçamento, o negativo da fundamentação lógica, o negativo do dito, a formação reactiva como a negativa do desejo, ...quando se introduz a teoria do desamparo, a questão fica mais complexa e *estranha*. O que se emerge é o lugar do nada, lugar da pulsão de morte, onde se fundamenta radicalmente a consciência originária.

A questão passa então a estar num plano mais complexo que é: ser ou não ser. Existir ou não existir. A questão que Shakespeare levanta “to be not to be” – “Ser ou não Ser”, amplia-se em Freud para que o ser “mais” quer, é não Ser. O “ser”, ao ser remetido ao insuportável e ao desamparo, condena-se a repetir a sua dor. Aí, ser é uma “querelância”, permanente contra o desejo de Não Ser. O conceito de *Hilfflosigkeit*, o desamparo originário da espécie humana, coloca o Freud como lugar de uma *caesura* primordial. Digo a palavra *caesura* porque a palavra é de Freud e não é Bion. Há muito mais do feto no recém-nascido do que a caesura do nascimento pode fazer crer, mas o que é que há de mais ou de menos!? Freud afirma que é o protótipo traumático. Freud não se interessa pela ideia do nascimento como trauma mas como protótipo e, nesse sentido, não a manuseia, maximiza-a. Eu diria que ele maximiza e não que ele minimiza. E, a prova de que não a minimiza, é o discurso de *Inibição, Sintoma e Angústia*. Qual é a questão que então aparece? É o Não Outro! A questão que passa a estar em primeiro plano é a questão da ausência. É a questão da separação.

Esta passagem da insatisfação à ausência é a segunda fase do negativo na obra de Freud. A primeira era a face da insatisfação.

Esta incompletude radical, esta impossibilidade de resolver a dor, senão pela elaboração quotidiana da condição do desamparo leva o autor a reconhecer-se nele e, a partir daí, a romper com o falso discurso humanista que invadiu a psicologia e a psicanálise nos últimos anos. Voltemos à obra, nesta citação que, apesar da sua extensão, vale apenas ser descrita, na íntegra, pela forma fecunda como expressa este aspecto do pensamento crítico de Carlos Amaral Dias (Dias 1999: 111-113):

A palavra violência, assumiu neste final de século, características obviamente pejorativas. A excepção dos restos que se agrupam à volta da figura de Guevara, do Che, recuperados tardiamente por Fidel e evidentemente em vias de se fazer como Mito pelo entrecruzamento re-descoberto entre vida e morte, pouco fica aparentemente para dizer da História recente do Homem, em que a violência seja sinal de mudança social.

O caixote da História, lugar aonde entram e saem ciclicamente personagens, parece ter arrumado Lenine e Mao e empurrado para o fundo Rosa Luxemburgo, Trotsky, Debord entre outros.

A violência, aparece-nos hoje, como sinal de desespero das massas ou de grupos, e, designada então como violência social, ela testemunha tão só a raiva (gémea da impotência), ou seja, o impulso destrutivo dos sem esperança. Dir-se-ia que progressivamente a palavra se foi esvaziando da sua negatividade exemplar (fundante por exemplo da revolução francesa) para se colorir de um negativismo em que nenhum ideólogo se reconhece. Embora Marx, na *Ideologia Alemã*, afirme aquela (a ideologia), como o poder separado das ideias e portanto como as ideias do poder separado, a segregação ideológica que se tece na aldeia global, mostra que a reificação da mercadoria se propõe agora também como reificação da Ideia, sem que a Razão Crítica nela consiga operar como razão.

Emparedados, também nós, pelos paradigmas da História (Khun), corremos assim o risco, se não sacudirmos as Topias que nos cegam à atopia radical em que se põe o sujeito do inconsciente, de entregar a violência a uma semiótica que violenta ela mesma o símbolo e o simbólico, como área sacrificial aonde a coisa morre e só paradoxalmente por aí se pode dizer e pensar.

Este fundo social e emocional em que a palavra violência se coloca está bem longe daquele em que por exemplo Bion a propõe como parte da mudança catastrófica. Os tempos *quarker* dos anos 90,



toleram melhor todas as insistências de menos (L-,H-,K-), e o sinal mais (+), sob a égide do qual Bion nos propõe paradoxalmente o negativo e a transformação, parece abandonar a cena dos discursos sociais.

É também por aqui (também, insisto), que a palavra de alguns (sublinho alguns) analistas, parece também hoje em fuga em relação à sua própria condição. A evidente emergência de uma controvérsia Winnicott / Bion, por exemplo, poderia ser notada como fundo filosófico da presença Humanista *versus* a procura da verdade e a tolerância à incerteza, evidentemente conotadas com o aforismo 'para além do Bem e do Mal'.

Uma ensaísta sustentada pela coragem da versão epistemológica do discurso, empurra-nos queira-se ou não, *também para aqui*, para um continente/conteúdo, em que o significante violência contém, simbiotizando, comensalizando ou parasitando o seu significado. A força da insistência Humanista combinada com um senso comum que homeostasia por baixo, trouxe já à psicanálise alguns sabores. A passagem da revulsividade, de Eros para Thanatos, tão própria ao equívoco kleiniano sobre a natureza e transformação da dualidade pulsional, é um típico exemplo do que afirmamos. O que em Freud se propunha como constância ( thanatos) *versus* homeostasia, é vertido por Klein e seguidores numa constância "bondosa" em função da qual o mal = perturbação = morte. Tal ideia esvazia a pulsão de morte da sua relação com o real, eximindo este da transformação. O objecto colocado no lugar do sujeito, aliena a questão do sujeito e a questão do objecto, e portanto a questão do real. A *violência* palavra pela qual nos convidamos à fala, retirada / resposta / retirada pelo senso comum, poderá sofrer de idêntico destino, tal como a turbulência inerente à situação analítica. A constância (a relação ordinariamente presente de que fala Meltzer), ilude no seu brilhante 'humanismo facilitador', a relação à falta, embora só aí se seja como pensamento.

Há então uma violência, como pública-acção, como significante selecionado, para dar conta no plano da fala social, das conjunções emocionais transitórias que se pretendem então de todos e, coisa maior, para serem ditas em nome de todos.

Há na linguagem uma simetria que autoriza as trocas, o reconhecimento de um por outro e aí mesmo, uma alienação da ideossincrasia do uso do significante; a partilha do uso como dispersão / integração da troca, propõe então o significante como meta-significante,

subvertendo a radical alienação do sujeito que o fundamenta como gregário. Ser Língua (*being O*), como uso-fruto da linguagem envia pois o sujeito humano para o caminho da fala verdadeira, aonde a simetria da troca social, nos empurra para a fala vazia. É aliás coisa sabida pelos analistas que os que falam assim, escapam aí de falar de si, criando ao analista uma impalpável dimensão do não-transformável.

Não seria por exemplo este linguajar alexitímico uma violência contra o inconsciente, ou seja contra o lugar aonde pensamentos primitivos aguardam pensamentos e pensadores?

O uso da palavra, aqui da palavra violência impõe-se uma vez mais e denuncia por aí, o assentimento cordato que a 'aldeia global' nos propõe.

Este retorno a Freud, tranquilizado que foi, primeiro o desamparo do autor e resolvido, depois, por um corte com uma visão, dominante no tempo, a sua relação com a *profissão impossível* que é a psicanálise, 'pacificou-o' suficientemente para voltar para o pai.

Freud, judeu infiel, Freud, pai da psicanálise, Freud, património da humanidade. *Patri*, prefixo, que leva a *Pater*.

Os dois volumes de *Freud Para Além Freud* (2000/2005) testemunham, agora, o regresso do autor às origens da psicanálise, mas também às suas próprias origens. Um eterno retorno nitzcheano à origem e à construção do pensamento.

A vertente não humanista sustenta-se agora num quase insuportável amor à *verdade*.

Mas, esta relação com a verdade, sua ou de Bion, reposta agora, a partir da verdade Freudiana, é sempre da ordem de uma origem insuportável (Dias 2005: 72):

O mito de Édipo conta a história de uma criança abandonada (Édipo) que é depois adoptada pelos reis de Corinto. A história de Édipo é muito interessante. O nome da personagem principal, Édipo, é um nome que se organiza entre o território do biológico do simbólico e do próprio processo de humanização da espécie. Quando Édipo parte de Corinto e tem que responder ao enigma da Esfinge, a pergunta que ela lhe faz é sobre ele mesmo: *Quem é aquele que anda com quatro patas de manhã, com duas à tarde e à noite com três?*, ou seja, *tetrapous, dipous, tripous*. A pergunta é: *Quem és tu Édipous?* A pergunta é *quem és tu?* e a resposta é: *tu, Édipo, tu,*

*Homem*, tu és a história humana. E é no sentido em que Édipo responde pela humanidade que o seu nome está na fronteira entre o biológico e a humanização.

O autor retorna, portanto, às grandes máquinas freudianas, na acepção de Derrida (2001), armas contra uma filosofia da consciência e da intencionalidade transparente.

### 3.

Encontramos na biografia do autor uma estruturação da relação pautada por um bombardeamento sensorial, um mundo asfíxiante de sensações a que era preciso atribuir significado, levando o sujeito para um investimento no terreno cognitivo favorecedor de um conhecimento de si e dos outros.

A sua inscrição no mundo da psicanálise – e, quanto a mim, a psicanálise é criadora de funções – levará o autor à descoberta salvífica da obra de Bion, o mais cognitivista dos psicanalistas, à descoberta dos seus modelos, da teoria das funções e outorgação de significado e do pensar. Este encontro foi, na minha leitura, um momento reparador de um desamparo vivido na infância e na vicissitude adolescentil.

O retorno último a Freud, ao *fundador*, constitui-se como *luz central* que vai permitir ao autor uma reconciliação com o ‘pai’, suturando a ‘zanga’ e o complexo familiar, outorgando-se ‘então’ como um *Si-Próprio*.

Vida e obra sonhando-se, perseguindo-se, procurando-se.

No fim, lembro Gilles Deleuze (2003): ‘A história é o que nos separa de nós próprios e aquilo que devemos transpor e atravessar para nos pensarmos a nós próprios’.

## REFERÊNCIAS

- Deleuze, G.  
2003 [1990] *Conversações*. Lisboa: Fim de Século, 2003.
- Derrida, J.; Roudinesco, E.  
2001 *De Quoi Demain...* Paris: Fayard/Galilée.
- Dias, C. Amaral  
1988 *Para uma Psicanálise da Relação*.  
Porto: Ed. Afrontamento.

- 1992 *Aventuras de Ali-Babá nos Túmulos de Ur.*  
Lisboa: Fenda.
- 1993 *Só Deus em Mim se Opõe a Deus.* Lisboa: Fenda
- 1995a *Ascensão e Queda dos Toxicoterapeutas.*  
Lisboa: Fenda.
- 1995b *A Re-Pensar.* Porto: Ed. Afrontamento.
- 1997 *Tabela para uma Nebulosa. Desenvolvimentos a partir  
de Wilfred R. Bion.* Lisboa: Ed. Fim de Século.
- 1999 *O Negativo ou o Retorno a Freud.*  
Lisboa: Ed. Fim de Século.
- 2000a *Freud, para Além de Freud. Volume 1.*  
Lisboa: Ed. Fim de Século.
- 2000b *Volto Já. Lisboa: Fim de Século..*
- 2005 *Freud, para Além de Freud. Volume II.*  
Lisboa: Ed. Climepsi.
- Dias, C. Amaral; Vicente, T. Nunes
- 1984 *A Depressão no Adolescente.* Porto: Ed. Afrontamento
- Dias, C. Amaral; Fleming, M.
- 1998 *A Psicanálise em Tempo de Mudança: Contribuições  
Teóricas a Partir de Bion.* Porto: Ed. Afrontamento.
- Novalis
- 2000 *Fragmentos.* Lisboa: Assírio & Alvim.

**Em Nome do Pai:  
Amaral Dias e a Psicanálise**

**In the Name of the Father: Amaral Dias  
and Psychoanalysis**

### ***Sumário***

Este artigo combina a análise da vasta obra publicada de Carlos Amaral Dias com duas entrevistas realizadas com o autor. O objectivo é a exploração de uma biografia psicanalítica, no modo como a fecundidade da obra crítica e a relação crítica com a vida e a experiência se relacionam na construção da identidade, prática intelectual e pensamento psicanalítico. Esta relação entre a vida e a obra é observada, em particular, através da complexidade do eterno retorno do 'pai', nas visões e revisões, entre o pensamento, a passagem da vida e a psicanálise.

### ***Summary***

This article combines the analysis of Amaral Dias' vast published work with two interviews made with the author. The purpose is to explore a psychoanalytical biography, in the way as the fruitfulness of the critical work and the critical relation to life and experience are related in the construction of identity, intellectual practice and psychoanalytic thought. This relationship between life and work is observed, particularly, through the complexity of the eternal return of the 'father', in the visions and revisions, between thought, life passage and psychoanalysis.